

# O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)	PORTO—1 DE JANEIRO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO)	N.º 19
	(REINO)	—	(ESTRANGEIRO)	
	Trimestre..... 350 réis		Trimestre..... 600 réis	
	Semestre..... 700 * Anno..... 1.400 *	ESCRITORIO — FERNANDES THOMAZ, 128	Semestre..... 1.200 * Anno..... 2.400 *	

A redacção do «Bombeiro Portuguez»  
appetece aos seus estimaveis assignantes to-  
das as felicidades no anno que hoje começa.

## Bomba para incendio

A gravura que hoje publica o nosso periodico re-  
presenta uma bomba para incendio da acreditada casa

Noel, de Paris, de que é representante em Portu-  
gal a Empreza Commercial e Industrial Agricola, de Lis-  
boa.

A excellencia e qualidade d'estas machinas pensa-  
mos têl-as minuciosamente descriptas no artigo que  
acompanhava a gravura do nosso numero 16.

A presente bomba que tem um rendimento por  
hora de 12:000 litros pôde aspirar a agua fóra do  
tanque em que se acha assente. O seu trabalho é igual  
e perfeito e a sua construcção é de modo a poder fa-  
cilmente ser visitada sem necessidade de se desar-  
mar.



A bomba como se vê da gravura é elegante e so-  
lida.

O seu corpo de bomba assente em um tanque de  
cobre custa 102\$000 réis e o carro de transporte com  
duas rodas 38\$000 réis.

A Empreza Commercial e Industrial Agricola cujos  
depositos são como já dissemos em Lisboa e no largo  
do Conde Barão n.º 5, 6 e 7, tem tambem á venda  
todos os aprestos para a extincção dos incendios e a  
modicidade dos seus preços leva-nos a indicar aos nos-  
sos leitores a quem isso possa interessar, os seguintes

artigos: mangueiras de couro cravadas, 1.ª qualidade,  
por metro, 2\$600 réis; mangueiras de lona, por me-  
tro, 600 réis; anilhas de cobre, cada par, 2\$850 réis;  
agulhetas de incendio com 0,º80 de comprimento,  
5\$900 réis; tubos de caoutchouc para aspiração, por  
metro, 4\$700 réis; tubos de couro para aspiração, por  
metro, 6\$600 réis; anilhas de metal, cada par, 2\$800  
réis; chupador de metal, cada par 2\$100 réis; baldes  
de lona, cada um 600 réis.

## INSPECÇÃO GERAL DOS INCENDIOS DO PORTO

## MAPPAS COMPARANDO O PESSOAL NOS FINS DE 1878 E 1879

(Continuado do n.º 18)

## PESSOAL NA ACTIVIDADE NO FIM DE 1879

CLASSIFICAÇÃO NOVA SEGUNDO O REGULAMENTO—1879					CLASSIFICAÇÃO ANTIGA—1878	
Secções e numeros de antiguidade	NOMES	GRADUAÇÕES	SOLDOS	DATAS DAS NOMEAÇÕES	GRADUAÇÕES	SOLDOS
Conductores						
11	Victorino Ferreira	1.º sotta	2\$400	Julho 10, 1879	effectivo 92	1\$800
12	Joaquim José Ferreira	»	»	»	» 8	»
13	Antonio Rocha Moreira	»	»	»	» 88	»
14	Maximo Costa	conductor	1\$800	»	» 121	»
15	Francisco Silva	»	»	Agosto 1	» 11	»
16	Miguel Pinto	»	»	Julho 10	» 4	»
17	Francisco Pereira da Silva	»	»	»	» 9	»
18	Antonio Souto Vidal	»	»	»	» 59 a	»
19	José Gonçalves da Silva	2.º sotta	»	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11.	» 43	»
20	Antonio Joaquim da Silva	conductor	»	Julho 10	» 149	»
21	Antonio dos Santos	»	»	»	» 58	»
22	Francisco Azevedo Oliveira Sá	»	»	»	» 108	»
23	Bartholo Luiz da Silva	»	»	»	» 107	»
24	Julio Paula	»	»	»	» 96	»
25	José Maria Moreira da Silva	»	»	»	» 153	»
26	Antonio Fernandes	2.º sotta	»	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 116 a	»
27	Antonio Simões	conductor	»	Julho 10	» 130	»
28	Miguel Joaquim Santos Junior	»	»	»	» 79	»
29	Manoel da Silva Ferreira	1.º sotta	2\$400	»	» 53	»
30	Joaquim de Sousa	»	»	2.º sotta, agosto 1. 1.º sotta, setembro 11	» 142	»
31	Manoel da Silva	2.º sotta	1\$800	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 56	»
32	Gaspar Ribeiro	conductor	»	Julho 10	» 117	»
33	Francisco Roiz	1.º sotta	2\$400	2.º sotta, julho 10. 1.º sotta, setembro 11	» 49	»
34	Antonio Francisco Bessa	conductor	1\$800	Julho 10	» 95	»
35	Antonio Rocha da Silva	1.º sotta	2\$400	2.º sotta, julho 10. 1.º sotta, setembro 11	» 41	»
36	Sebastião Soares Pinheiro	conductor	1\$800	Julho 10	» 21	»
37	Custodio Bahia	»	»	»	» 154	»
38	José Cunha	»	»	»	» 90	»
39	José Silva Neves	1.º sotta	2\$400	2.º sotta, julho 10. 1.º sotta, setembro 25	» 42	»
40	Diogo Antonio Ribas	2.º sotta	1\$800	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 38	»
41	José Antonio Pereira	conductor	»	Julho 10	» 5	»
42	Florindo Ramos	»	»	»	» 160	1\$200
43	Antonio Mesquita	1.º sotta	2\$400	2.º sotta, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 66	1\$800
44	Manoel Moreira	2.º sotta	1\$800	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 129	»
45	Augusto Moreira	conductor	»	Julho 10	» 119	»
46	Balthazar Antonio Reis Junior	2.º sotta	»	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 25	» 18	»
47	Joaquim Moutinho	»	»	Julho 10	» 156	»

CLASSIFICAÇÃO NOVA SEGUNDO O REGULAMENTO—1879					CLASSIFICAÇÃO ANTIGA—1878	
Seções e números de antiguidade	NOMES	GRADUAÇÕES	SOLDOS	DATAS DAS NOMEAÇÕES	GRADUAÇÕES	SOLDOS
Condutores						
48	Antonio Ignacio Santos	1.º sotta	2\$400	Julho 10. 1879	effectivo 123	1\$800
49	José Joaquim Mesquita	2.º sotta	1\$800	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 55	»
50	José Assumpção	conductor	»	Julho 10	» 7	»
51	Julio Pinto de Souza	»	»	»	» 47	»
52	José Lopes	»	»	»	» 115	»
53	Manoel Almeida	»	»	»	» 114	»
54	João José Martins	»	»	»	» 91	»
55	Antonio Caetano Sequeira	»	»	Agosto 1	» 3	»
56	José Nogueira	»	»	Julho 10	» 25	»
57	José Silva Junior	»	»	»	» 23	»
58	Joaquim Mendes Sousa	»	»	»	» 86 a	»
59	Jeronymo Antonio Silva	2.º sotta	»	»	» 87	»
60	Arnaldo José Silva	conductor	»	»	» 147	»
61	Antonio Aguiar	»	»	»	» 31 a	»
62	Antonio Joaquim	»	»	»	» 82	»
63	José Ferreira Silva	»	»	»	» 31	»
64	Antonio Vieira	2.º sotta	»	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 128	»
65	Abilio Rocha Silva	conductor	»	Julho 10	» 116	»
66	José Cardoso Madureira	»	»	»	» 86	»
67	Antonio José Duarte	»	»	»	» 45	»
68	Manoel Thomaz Baptista	»	1\$200	»	supra 55	900
69	João Silva	»	»	»	» 19	»
70	Mathias Luiz Souza	2.º sotta	1\$800	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 2	»
71	Joaquim Antonio Araujo	conductor	1\$200	Julho 10	» 3	»
72	Antonio José Souza	2.º sotta	1\$800	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 17	»
73	Antonio Martins Lobo	»	»	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 30	»
74	Carlos José Roiz Portugal	conductor	1\$200	Julho 10	» 15	»
75	Manoel Pereira Silva	»	»	»	» 35	»
76	João Costa Peixoto	»	»	»	» 13	»
77	José Maria Pereira	»	»	»	» 46 a	»
78	Francisco Roiz	»	»	»	» 16	»
79	Manoel Joaquim Rocha	»	»	»	» 56	»
80	Joaquim José Gonçalves	»	»	»	» 22	»
81	Bernardino José Teixeira	»	»	»	» 54	»
82	Justino José Silva	»	»	»	» 31	»
83	João Lourenço Ferreira	»	»	»	» 29	»
84	Antonio Oliveira	»	»	»	» 28	»
85	Manoel Teixeira	»	»	»	» 37	»
86	Antonio Gonçalves Viola	1.º sotta	2\$400	conductor, julho 10. 1.º sotta, setembro 11	» 68	1\$200
87	Joaquim Manoel Perfeito	»	»	conductor, julho 10. 1.º sotta, setembro 11	» 77	»
88	Joaquim Pereira	2.º sotta	1\$800	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 54 a	900
89	José Mancel Pereira	»	»	conductor, julho 10. 2.º sotta, setembro 11	» 72	1\$200
90	Ignacio Costa	conductor	1\$200	Julho 10	» 41	900
91	Seraphim Moreira Valle	»	»	»	» 59	1\$200
92	Manoel Francisco Pinho	»	»	»	» 70	»
93	Roberto José Maria Trindade	»	»	»	» 71	»
94	José Santos Salgado	»	»	»	» 73	»
95	Silverio José Freitas	»	»	»	» 75	»
96	José Reis	»	»	Novembro 20	de novo	\$
97	Manoel Joaquim	»	»	Outubro 1	»	»

(Continúa).

## Socorro contra o fogo

### Meios praticos para a extincção dos incendios e salvção de pessoas e haveres

(Continuado do n.º 18)

#### V—O anhydrido sulfuroso

O anhydrido sulfuroso como meio de extincção apresenta resultados vantajosos quando o incendio se manifesta em logares cujas formas e construcções especiaes não permitem a renovação do ar como por exemplo, nas chaminés.

Uma atmosfera que em si contiver 2% d'esse gaz é completamente impropria á combustão.

O resultado desejado obtem-se ordinariamente queimando flor de enxofre ou de sulfurio de carbone em certa quantidade.

#### VI—O ammoniaco

Ha algum tempo a esta parte que este corpo é muito recomendado para a extincção de fogos de petroleo. Aindo recentemente nos davam os jornaes a seguinte noticia que, com toda a reserva reproduzimos textualmente.

«Ha mezes, manifestou-se em Nantes um incendio n'um subterraneo onde estavam armazenados generos muito inflammaveis, como oleos vegetaes, alcatrão, resinas, etc.

«Havia ali um tonel contendo 60 a 75 litros de benzina que estava em chammias. O liquido incendiado corria pelo solo fazendo reccar os mais desastrosos accidentes.

«Experimentados todos os meios habituaes, um pharmaceutico cujo estabelecimento era proximo do logar do sinistro, teve a feliz ideia de despejar para o subterraneo um balde d'ammoniaco liquido mandando fechar ao mesmo tempo os ventiladores e as aberturas por onde o ar se podesse renovar. Immediatamente as chammias se extinguiram e duas novas aspersões fizeram desaparecer todo o perigo.

«Quando se entrou no subterraneo para verificar os destroços, encontrou-se o tonel de benzina voltado e completamente vazio.»

Se este facto se confirmasse, teria elle uma grande importancia para a segurança publica, sobre tudo hoje que o mercado dos oleos mineraes tomou tão collossaes proporções, porque com facilidade se estabeleceriam tampus hemeticas que se manobrassem pelo exterior em todas as aberturas dos ventiladores dos locaes onde taes materias estivessem armazenadas ao passo que se fazia chegar o ammoniaco ao local desejado.

Infelizmente as experiencias a que pessoalmente procedemos sobre o valor d'esta innovação não foram taes que nos convencessem inteiramente e pensamos que devem ser feitas novas experiencias em maior escala antes de nos pronunciarmos abertamente sobre a efficacia do ammoniaco na extincção dos incendios.

#### VII—O vapor da agua

Um outro meio de extinguir os incendios, mas que

é só applicavel em certas circumstancias, é o vapor da agua. É vantajoso o seu emprego especialmente quando o incendio está encerrado no interior d'um compartimento bem fechado e onde se pôde largar o vapor d'uma fabrica ou d'uma manufactura.

Experiencias feitas em Inglaterra deram os seguintes resultados:

1.º—Que o vapor da agua apaga em menos de cinco minutos uma violenta combustão n'um local fechado, quando a sua introdução é feita em sufficiente quantidade.

2.º—Que uma ligeira chamma é quasi immediatamente extincta n'um local mesmo aberto, onde se produz um grande volume de vapor vivo.

3.º—Que um jacto de vapor lançado no ar livre contra um grande incendio lhe augmenta consideravelmente a intensidade.

As applicações d'este processo feitas em Douai, Amiens et Seclin fariam desaparecer qualquer duvida sobre a sua efficacia se concordassem com outras menos concludentes tentadas na Allemanha.

Seja como fôr, ha sempre conveniencia de calcular bem a quantidade de vapor que poderá ser introduzida n'um dado tempo e de a comparar com a capacidade do local. Não se deve porém estabelecer um serviço de vapor senão em construcções especiaes como enxugadouros, estufas, etc., onde se secca papel, lumes chímicos, etc.

Ordinariamente bastam para conduzir uma quantidade de vapor capaz de envolver e de extinguir rapidamente o fogo n'esses locaes uns tubos d'uma pollegada de diametro, adaptados á caldeira e munidos de torneiras. As fazendas armazenadas n'esses locaes são menos estragadas pelo vapor do que o seriam por um jacto d'agua. A ligeira humidade que as penetra facilmente desaparece e não produz prejuizo de vulto.

#### VIII — Aguas anti-incendiarias

Sob o nome d'aguas anti-incendiarias, são inculcadas varias soluções. As principaes compõem-se essencialmente de sal mineral, alumen, borax, carbonato de soda, chloretos de cal e magnezia, sulfatos de ferro e de zinco, phosphato d'ammoniaco e silicatos de soda e potassa.

Possuem em verdade taes materias a propriedade de communicar aos objectos que as inbebem uma inflammabilidade mas ou menos pronunciada, mas para obter um effeito sensivel, torna-se necessario que as dissoluções sejam muito concentradas o que torna as substancias de muito preço e por muito baratas que sejam mesmo esses saes, não se espere que entrem no dominio da pratica, primeiro porque se tornariam precisas quantidades enormes, segundo porque a isso se junta a difficuldade do transporte com o inconveniente de corroer os metaes e de estragar as mangueiras, tornando-se assim improprias para o serviço dos soccorros publicos contra os incendios.

Quando para extinguir um incendio se tem á mão a lexivia de sabão é preferivel o seu uso á agua pura porque se evapora menos rapidamente e contem saes incombustiveis.

#### Principios geraes d'attaque

A primeira obrigação dos bombeiros, o fim principal da sua instituição, é a salvção das vidas humanas, e esse deve ser o primeiro cuidado do chefe ao

chegar ao local d'um incendio. É necessario que elle empregue todos os meios ao seu alcance para saber se ha ou não pessoas em perigo. Nunca se deve contentar, como muitas vezes succede, com as declarações dos inquilinos ou visinhos a quem ordinariamente a emoção tira toda a lucidez d'espírito.

Nunca a agua deve ser lançada ao fogo senão quando não ha duvida sobre este ponto e quando terminou a salvação nos andares superiores. O contrario fará augmentar as difficuldades e os perigos pela espessa columna de vapor e de fumo que se provocará.

#### 1 — Reconhecimento

O bom exito dos trabalhos, tanto pelo que diz respeito á extinção como á salvação depende em grande parte do reconhecimento do incendio.

Deve esta operação ser feita por um homem intelligente e experimentado. É condicção essencial para um bom resultado.

Se o fumo é intenso, munir-se ha d'um respirador e prenderá ao cinto uma espia que um homem segurará de maneira a poder communicar com o primeiro. Essa corda servir-lhe ha de guia e impedirá que as portas se fechem sobre elle. Na falta de respirador uma esponja ou um panno embebido d'agua com vinagre se conservará deante da bocca e do nariz segurando-se com um lenço atado pela nuca. Esta precaução porém só muito imperfeitamente produz o effeito desejado, e nenhuma garantia offerece para a vida: por isso o respirador é sempre preferivel.

As regras que se devem observar durante o reconhecimento são as seguintes:

1.º Percorrer todo o edificio que é presa das chammas, para assim fazer um plano exacto dos trabalhos a executar e das precauções a tomar para evitar accidentes.

2.º Aproximar-se o mais possivel do fogo para reconhecer onde se localizou, a sua intensidade, a direcção para onde tende a propagar-se e a natureza das materias que está consumindo.

3.º Observar a fórma das escadas, dos corredores e dos caminhos que mais directamente conduzem ao foco do incendio.

4.º Fechar todas as sahidas por onde se possam estabelecer correntes d'ar.

5.º Certificar-se quanto lhe fór possivel do que contem as salas e as casas ameaçadas pelo fogo, para poder bem regular a direcção dos soccorros.

6.º Enquanto se procede ao reconhecimento, reparar especialmente no itinerario e ao voltar calcular o comprimento das mangueiras que se tem a empregar, baseando-se em que a altura d'um andar é, termo medio, de 4 metros.

(Continua.)

## Incendios no Porto de 16 a 31 de dezembro

17 de dezembro — Ás 8 horas da noite. Rua do Breyner n.º 97. Propriedade de Antonio da Silva Pereira de Magalhães occupada por José Alves da Silva. O incendio declarou-se n'uma estufa onde estava ar-

rumada grande quantidade d'algodão e destruindo uma barraca causou prejuizos avaliados em 50\$000 rs. O predio tinha seguro na Bonança. A primeira bomba que compareceu foi a n.º 9, seguindo-se-lhe a dos voluntarios.

18 de dezembro — A bordo do navio *Mary Jones*, ancorado n'este porto manifestou-se na madrugada d'este dia um incendio que consumiu quasi toda a cozinha. Uns remadores e guardas d'alfandega que andavam de ronda no rio deram fé do incendio prevenindo os tripulantes que todos dormiam áquelle hora. A gente de bordo auxiliada pela ronda dominou o incendio sem a intervenção dos soccorros publicos.

28 de dezembro — As 5 horas da manhã. Propriedade de Thomaz Nunes da Cunha, situada na calçada junto aos tanques das Fontainhas e onde José Bento Domingues tinha estabelecida uma fabrica de chapéus de feltro. A fabrica que se compunha d'uma casa d'um andar e de um barracão foi toda devorada pelas chammas não se salvando cousa alguma pois que só se descobriu o incendio quando as chammas invadiam toda a casa. Um homem que ali dormia correu sério risco.

Tinha o seguro da fabrica em 2:000\$000 réis a companhia hespanhola *La Union y la Phenix*. A primeira bomba que compareceu foi a n.º 6 seguindo-se-lhe a dos voluntarios. Na extinção trabalharam além d'estas a n.º 7 do Porto e uma outra de Villa Nova de Gaya. Os trabalhos terminaram ás 7 horas e meia da manhã.

A bomba dos voluntarios pela violencia do trabalho teve uma avaria no estrada.

28 de dezembro — Ao meio dia. Rua das Flores n.º 78 a 82. Propriedade de D. Francisca Rebello de Lemos occupada por Valle & C.ª com estabelecimento de quinilherias e outros.

O fogo declarou-se n'uma porção de fitas de madeira que estavam nas traseiras do predio communicando-se aos baixos dos predios contiguos que tem os n.ºs 72 a 76 e 82 a 84 causando em todos um prejuizo de cerca de 500\$000 réis. Os predios tinham seguro na *Indemnizadora e Garantia*. Na extinção trabalharam as bombas n.º 1 a primeira que compareceu, a n.º 4 e o carro dos voluntarios.

Não compareceu a bomba por se estar reparando do estrago que soffreu no incendio da manhã.

## Incendios no estrangeiro

Houve ultimamente em Napoles um pavoroso incendio em uma fabrica de tabacos. A terrivel catastrophe que causou muitos milhões de francos de prejuizos fazendo numerosos feridos, deixou sem trabalho 2:500 operarios. Trabalharam na extinção trinta e tres bombas.

\*

\* \*

Em Portsmouth (Estado de New Hampshire), Estados-Unidos, foi destruida por um incendio uma importante fabrica de fiação de algodão. Os prejuizos são calculados em 500:000 dollars.

\*

\* \*

A cidade de Pensacola no estado de Florida (Estados-Unidos) foi na sua quasi totalidade destruida por um incendio.

\*  
\* \* \*

Em Cincinanti morreram cinco bombeiros que estavam trabalhando na extincção d'um incendio.

\*  
\* \* \*

A famosa fabrica de tapeçarias de Buffalo, nos Estados Unidos, foi completamente destruida por um incendio. Trinta operarios dos cento e cincoenta que n'aquella occasião ali trabalhavam foram victimas das chamas ficando além d'isso muitos outros gravemente feridos.

Os prejuizos são, como é de suppôr, importantissimos.

## Correspondencia

**Lisboa 28 de Dezembro de 1880**

(Do nosso correspondente)

Gostosamente começo hoje a serie de correspondencias de que se dignou encarregar-me a redacção do *Bombeiro Portuguez*. Não será por falta de vontade que as minhas correspondencias não deixarão de se apresentar á altura do periodico que soube elevar-se tão dignamente, porquanto a boa camaradagem que me liga aos redactores do *Bombeiro Portuguez* me obrigam a diligenciar ser-lhes util e agradável. É este o meu fim principal.

E postos de parte os preambulos entremos no assumpto.

—Foi eleito chefe da companhia dos bombeiros voluntarios d'esta cidade pela vaga que deixou o malogrado sr. Guilherme Cosseul, o sr. Darlaston C. Shore que era sub-chefe da mesma companhia, indo occupar este posto o sr. João Jauncey.

Ambos estes cavalheiros são inglezes e acreditados negociantes n'esta praça.

—Em sessão da camara municipal de 13 do passado propôz o sr. vice-presidente que se cedesse gratuitamente o terreno á companhia dos bombeiros voluntarios, no cemiterio occidental, que fosse necessario para o manzoleu que esta corporação vae erigir á memoria do seu saudoso chefe.

Na mesma sessão foi presente nm officio do sr. inspecto geral dos incendios com respeito ao modo conveniente para a collocação de boccas de incendio em toda a cidade, de forma que satisfaçam as necessidades do serviço de limpeza e rega de ruas, de accordo com o serviço dos incendios. Para se conseguir o fim desejado é indispensavel a coliocação de 3:000 boccas de incendio, cuja despeza não será inferior a 54:000\$000 reis; mas indica a informação a maneira como se deve proceder para que, effectuada a referida collocação pouco a pouco, se realise no praso de 5 annos, por forma que melhor aproveite a todos os serviços indicados.

—O sr. João Ricardo Cossoul agradecen á camara o voto de sentimento, que esta fez lavrar na acta das suas sessões, pelo fallecimento de seu irmão Guilherme Cossoul, o iniciador da prestante corporação que se honra de o ter tido por chefe.

—Projectam-se solemnes esequias para suffragar a alma do benemerito cidadão. N'ellas se deverá cantar um *libera-me* de tenores e baixos expressamente composto pelo sr. Freitas Gazul.

—Tive occasião de ver n'esta cidade os sr. Eduardo de Sousa Pereira e Luiz da Terra Pereira Vianda, distinctos bombeiros voluntarios do Porto, que se retiraram por occasião das festas do Natal.

—Foi eleito interinamente chefe dos bombeiros voluntarios dos Oliveas o sr. João Maria Ribeiro.

—Um jornal d'esta cidade encomiava um d'estes dias os ajudantes da inspecção dos incendios os srs. Lapa e Conceição, pela caridade com que trataram um desventurado operario das obras da camara municipal que repentinamente se viu atacado d'uma horrivel doença.

—Na semana que terminou em 25 do passado custou á camara o serviço de incedios a quantia de 895\$060 reis.

—Tem subido á scena no theatro da rua dos Condes um drama intitulado *Os Bombeiros*, em que são exaltados os actos de dedicação e coragem praticados por essa benemerita phalange que a cidade inteira reconhecida estima e aprecia. O drama que é muito espectacularo tem um quadro representando o ataque d'um incendio. É certa, a enchente no dia em que é representado.

—Afogou-se n'um charco que as aguas da chuva tem cavado n'uma pedreira no Campo d'Ourique, um desventurado de nome João Chispim. São dignos de menção os serviços prestados n'aquella triste conjuntura pelos bombeiros n.º 99 e 128 e pelos sotas n.º 390 e 391.

E terminando, desejo aos meus leitores as felizes festas que para mim appetço, despedindo-me até ao anno.

C.

## Varias noticias

Foi eleito director da Real Sociedade Homanitaria o sr. Guilherme Gomes Fernandes, chefe dos bombeiros voluntarios d'esta cidade.

\*  
\* \* \*

Deve hoje reunir-se em Guimarães a assembleia geral dos bombeiros voluntarios d'aquella cidade para proceder á eleição dos corpos gerentes e do 1.º e 2.º commandante dos socios activos.

\*  
\* \* \*

Em Vizeu, a contar d'esta data, fica estabelecido no edificio do Collegio piquetes nocturnos de bombeiros para o serviço de incendios.

Applaudimos a medida que entre nós ainda hoje

se não acha estabelecida a não ser na Associação dos Bombeiros Voluntarios, onde desde a sua installação pernoita um piquete de quatro voluntarios e um conductor.

\*  
\* \*

Na noite de 29 do passado ardeu em Toulon o couraçado de primeira classe, *Bichelieu*.

\*  
\* \*

Tambem no porto de Malme se incendiou a fragata sueca *Goshemberg*.

\*  
\* \*

Deve hoje inaugurar-se pela uma hora da tarde a associação dos bombeiros voluntarios do concelho dos Olivaeas. A direcção d'aquella associação convida a camara municipal de Lisboa e as redacções dos jornaes a fazer-se representar n'aquella solemnidade.

\*  
\* \*

Consta-nos que em Penafiel volta de novo a ideia da creação de uma associação de bombeiros voluntarios.

### Chronica Quinzenal

O leitor já sabe que entramos no anno da graça de 1881. Como diz um chronista atacado de romantismo, o tempo na sua evolução constante, precipitou no abysmo mais 366 dias (mais um, porque o anno foi bissexto)! Surge o novo anno, como hade surgir o outro, constantemente, indefinidamente.

Era agora occasião azada para passarmos em revista os acontecimentos do anno... que cahiu no enorme boqueirão dos tempos!! Fallarmos dos novos acontecimentos internos, da questão do Oriente, dos conflictos na Belgica, dos receios da Russia, das tentativas da Inglaterra, da attitudo da França, da situação da Hespanha, da... onde iriamos nós, se pretendessemos, como um general severo, pôr em linha as nações e os povos, para analysarmos as suas evoluções politicas e apreciar os seus actos mais importantes?

Deixemos, pois, a Belgica agitar-se nas suas questões clericas. Roma ha de ceder, porque o progresso assim o determina, e porque cessou, com a emancipação dos espiritos, a velha tollice dos catturmas orthodoxos. *Roma loucta, causa finita est*. Esqueçamo-nos de que a Russia vive constantemente ameaçada, isto é, de que metade d'um povo opprimido jura exterminar a outra metade que o esmaga. Hade acabar esta lucta, em nome da dignidade dos povos. O pequeno ha de levantar-se, por seu turno, e pedir contas aos grandes. As theocracias findaram. Abandonemos a Inglaterra, que depois dos desastres do Afghanistan, da Irlanda, do Cabo e do Transwaal, hade soffrer um novo desastre—ceder aos justos clamores d'um povo de trabalhadores, esmagado pelo despotismo d'uns argentarios inglezes. Sarnell ha de triumphar. Hoje, não ha povos

escravizados, ha cidadãos com os seus direitos. Quem pretender oppôr um dique a esta torrente de civilização, ha de morrer fatalmente. Respeitamos a França, pela sua attitudo energica deante d'um inimigo que podia enredal-a, e lamentamos que ella, demasiado tolerante, abrisse os braços a outro inimigo, peor que o que expulsava. Rochefort, refinou no desterro. Fez-se covarde e mentiroso. Podia hontem ser tido como um homem de principios; hoje deve ser considerado como um especulador vulgar. A França, porém, viverá, porque o Rochefort ou a Pyat, pôde bem oppôr-se o gigante Gambetta. Deixemos a Hespanha andar para traz, a Suissa pedir a pena ultima... e levar ao desespero o seu presidente, a Turquia dividir-se, como um grande panno que se vae rasgando... e olhemos para nós, tractemos de nós, que tempo é já de termos em attenção o que é nosso.

Portugal soffre, e soffre muito. Para a sua enfermidade haverá remedio efficaz?... Se o ha, applicuem-lh'o, que bem pôde ser que o mal progrida ao ponto de não ser facil a applicação do medicamento. Falla-se muito, e resolve-se pouco. Mais obras e menos palavras.

... Mas, onde iriamos parar com esta prelecção, não o sabemos nós, que, felizmente, nos lembra a tempo de que estamos a escrever uma leve revista de factos para o *Bombeiro Portuguez*, um jornal que não se importa dos acontecimentos politicos da Europa. O que elle quer, é que ella não arda... para não incommodar os bombeiros!

Pelo novo anno, trocam-se mutuas felicitações, que teem uma altissima significação de paz e amizade. *Boas-festas*, pois, aos benevolentes leitores, que durante o anno se penitenciaram lêndo as nossas abominaves prosas, feitas despreziosamente ao correr da penna.

\*  
\* \*

Passamos em revista as ultimas novidade theatraes. E antes de procedermos a esta formalidade, referir-nos-hemos ao espectáculo que promoveu a benemerita sociedade dramatica de amadores *Luz e Auxilio* em beneficio da pobreza envergonhada, com o applauso e o elogio que ella merece, pela maneira por que se satisfaz dos compromissos que contrahiu.

A sociedade dramatica de que fallamos, composta de amadores intelligentes, não hade faltar o apoio que merece pelos seus intuitos altamente humanitarios.

Entremos agora no theatro de S. João, e digamos duas palavras.

Principiemos pelo—*Ruy Blas*, uma das pouquissimas operas que, no meio das inumeras produções lyricas dos ultimos tempos, consegue correr mundo com manifesto agrado.

Se é certo que Marchetti não pôde elevar-se até ás regiões onde se libram os genios, é certo tambem que não rasteja entre o pó das mediocridades, e que a sua opera, mesmo sem revelar grandes faculdades de invenção, distingue-se pela belleza d'algumas melodias, pelo bem encontrado das fórmulas, sciencia das proporções e sobretudo pela verdade da côr local das situações.

No *Ruy Blas*, estrearam-se dois artistas: o baritono Farbaro e a segunda soprano Ercoli. Farbaro é sem questão um artista notavel, senhor da scena e dos seus segredos. Tem o timbre e a extensão do baritono; canta com a correcção dos mestres; diz perfeitamente

os recitativos e interpreta com a maior verdade; mas infelizmente é um pouco desajudado pela figura e voz. Esta é pequena e não se presta às situações energicas e vehementes. Ha porém larga compensação nas outras qualidades, e para aquilatar o seu merito basta o andante do 4.º acto — *È ricco, è bello, è nobile*—o que nos dá direito a esperar d'elle muito em operas d'outro genero.

A maneira distincta por que está em scena e o bem que se compenetra do alto personagem que representa, faz esquecer em breve a sua demasiada obediência.

Estreia feliz foi tambem a da sr.ª Ercoli, que desde a *ballata* do 2.º acto até á *arietta* e dueto do 4.º, com o baritono, foi escutada com agrado e applaudida. Sem ter como cantora o merito de Farbaro, seduz pela gentileza do seu porte insinuante e modesto, e pela frescura de sua voz, um pouco dura às vezes, mas extensa e de timbre agradável.

Como 2.º soprano é dos melhores que aqui tem estado e chegamos a acreditar que seria ouvida com agrado, como primeira parte, em opera compativel com as suas forças que a empresa lhe confiasse.

A sr.ª Dina Cotino foi bem mais feliz no *Ruy Blas* que no *Fausto*; todavia alguns espectadores mais exigentes deram-lhe no 2.º acto, na scena—*larva adorata del mio pensiero*, uma ligeira demonstração de desagrado, que depressa foi supplantada pelos applausos. Manda a justiça que se diga que a primeira parte d'esta scena foi bem cantada e que a *preghiera* desagradou talvez pelo movimento vagaroso e pouco calor com que a sr.ª Cotino, terminou a ultima phrase.

Cazartelli muito bem em toda a opera, mas especialmente no tercetto do 4.º acto, em que tem uma phrase admiravel.

A parte do baixo foi mal distribuida, porque o sr. Soldá não tem as notas graves que ella requer; o dueto do 1.º acto com o baritono e o terceto final do 2.º acto, uma das melhores peças da opera, foram prejudicados por esta razão.

Fallemos agora da *Linda de Chamounix*, que, incontestavelmente é a que melhor execução tem obtido.

Se tivéssemos de enumerar as peças que foram applaudidas, ver-nos-hiamos forçados a apontal-as quasi todas; limitamo-nos portanto a fallar unicamente d'aquellas que mais acceitação tiveram.

No 1.º acto, a aria da dama, d'um estylo ligeiro e gracioso que a sr.ª Gargano recamou de finos e preciosos rendilhados e o dueto dos baixos. No 2.º, o dueto de suprano e baritono, a peça capital da opera. Foi aqui, que o baritono Farbaro mostrou toda a extensão dos seus recursos, fazendo toda esta scena com tal verdade dramatica, que attingiu o grandioso da arte, por fórma a fazer esquecer todos os seus predecessores.

A plateia portuense havia applaudido entusiasticamente o baritono Giraltoni n'este mesmo papel, porque este artista, de reputação solida, havia conseguido impressionar vivamente a plateia. Farbaro, vae além de Giraltoni, pela maneira como se conduz durante os tres actos da opera.

Aquelle typo de aldeão está fielmente copiado; ha uma rigorosissima verdade na caracterisação, no gesto, no olhar, nos mais pequeninos detalhes. Na scena da maldição, Farbaro é inimitavel pela verdade e pela solemnidade com que a executa.

Estes dois artistas tiveram uma esplendida ovação no final do acto.

Os applausos continuaram no decorrer do 3.º acto em que a sr.ª Gargano continuou a distinguir se, não só como cantora, mas ainda como artista dramatica, cabendo tambem prolongados applausos ao tenor Signoretli pela maneira como cantou o *largo* que precede o final.

Os outros artistas foram bem, merecendo menção o baixo Jordá, que canta primorosamente a sua parte, de veras difficil, e na qual tem sossobrado muitos artistas, aliás, de merito.

Ercoli, apesar de bastante deslocada na *ballata* do 1.º acto, que não está para a sua corda de voz, foi applaudida no dueto com Gargano no 2.º acto.

O caricato Landoi, não desagradou e tem o merito de cantar afinado e a compasso, o que já não é pouco.

Em resumo: a opera agradou muito e com certeza foi a opera mais bem cantada da presente estação.

A *Linda* chamou ao theatro grande concorrência de espectadores, que se não cançaram de applaudir Gargano e Farbaro.

\*  
\* \*

No Principe Real está em scena a opera-comica *Os dragões d'el-rei*, com musica do maestro Rogel. A peça agradou, se bem que a letra seja demasiado *fresca* para esta quadra de gelo. A musica tem alguns numeros originaes, mas de resto accusa pouca novidade; a instrumentação é pobre, o que nos leva a crer que o maestro pouco tempo teria para completar o seu trabalho.

Em todo o caso a peça agrada extraordinariamente e estamos certos de que a empresa hade fazer interesses.

\*  
\* \*

No theatro Baquet deve subir á scena a *Revista do anno* de 1880, escripta pelo estimado actor Apolinario.

Segundo nos asseveram, a peça está bem architectada, aproveitando o auctor os factos mais notaveis occorridos durante o anno.

A *Revista* será posta em scena com o maximo aparato.

N'este theatro trabalhou algumas noites o prestidigitador Henrique Frizzo, com geraes applausos, em verdade merecidos.

Mr. Frizzo é um artista muito distincto.

\*  
\* \*

Nos theatros de Variedades e Trindade os espectaculos succedem-se uns apoz outros, com extraordinarias enchentes. A empresa exulta, e os artistas não exaltam menos, porque veem garantidos os seus honorarios!

Finda aqui a chronica, pelo simples motivo de que já nada mais tenho para dizer, restando-me apenas recomendar dous beneficios em verdade bem recomendaveis, o do sympathico e popular empresario José Dallot e o do diligente camaroteiro do theatro Principe Real, Jacintho Rodrigues de Carvalho.

Porto 31 de dezembro de 1880.

H.